



## A “MATA VIRGEM, DE RAUL SEIXAS: METÁFORA, POLISSEMIA E IRONIA COMO RECURSOS ESTÉTICOS PARA A AMBIGUIDADE NATUREZA-SEXUALIDADE

**Fábio Campos Coelho (PG)**

**ducabin@hotmail.com**

Universidade Estadual de Goiás

Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

**Resumo:** Este trabalho é de cunho qualitativo e se propõe a interpretar a relação ambígua entre natureza e sexualidade na capa do disco *Mata Virgem*, do compositor e cantor baiano Raul Seixas, de 1978 e na canção de mesmo nome, que faz parte desse disco. Vamos analisar o modo como o artista utiliza a metáfora, a polissemia e a ironia enquanto recursos estéticos para traçar tal relação de duplo sentido. A discussão é feita à luz do diálogo entre a Análise do Discurso e a Semântica Cognitiva.

**Palavras-chave:** Mata Virgem. Metáfora. Polissemia. Ironia. Natureza-sexualidade

### Introdução

O objetivo do trabalho é analisar como a metáfora, a polissemia e a ironia constroem o duplo sentido correspondente a sexualidade e natureza existente na capa do disco *Mata Virgem*, do compositor e cantor baiano Raul Seixas, de 1978 e na sua canção de mesmo nome, traçando o encontro semântico entre a linguagem visual e a verbal.

A escolha pelo disco *Mata Virgem* decorre de ele não ter tanta visibilidade como acontece em muitos LPs do autor, por exemplo, Gita e Novo Aeon. Numa

REALIZAÇÃO

PRG  
Pró-Reitoria de  
Graduação

PRP  
Pró-Reitoria de  
Pesquisa e  
Pós-Graduação

PRE  
Pró-Reitoria de  
Extensão, Cultura e  
Assuntos Estudantis



Universidade  
Estadual de Goiás



linguagem informal, podemos dizer que tal disco é o *lado B* de Raulzito, ou seja, aquele pouco ouvido. Isso se deve, talvez, à ausência da veia política na obra. Essa representação de um Raul não engajado, poeta desprendido dos fatos políticos do Brasil, mostra sua outra face, mudando o foco do combate contra a Ditadura para temas existenciais mais amplos que a repressão vivida no Brasil naquele momento.

O disco *Mata Virgem* oferece uma temática mais abrangente: amor, crítica à ciência, medo, fim do mundo, eventos bíblicos e sexo. Este trabalho, mostrando que um artista pode ter várias vozes, estuda a novidade em relação ao trabalho do poeta -- com outro pensamento --, o que contribui para o público dele descobrir mais um “pedaço” seu, obtendo uma compreensão mais aberta e variada sobre sua arte. A seleção de *Mata Virgem* é uma abordagem geral de sua obra, já que se distancia do teor já “batido”, famoso, clássico e se volta ao lado estranho, apagado, ignorado da produção musical do artista.

A metáfora – figura de linguagem que consiste em atribuir a uma expressão um sentido não usual, conotativo -- é expressa frequentemente pelo ser humano. No cotidiano, utilizamo-la tão naturalmente que pouco percebemos sua eficácia e poder de expressão, ou seja, sua relevância linguística. Lopes (2016) aponta que, embora ela passe quase despercebida, muitas experiências diárias nossas são representadas por essa figura de linguagem (LOPES, 2016).

Como se sabe, a metáfora se trata de um tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado. Ressaltamos que a ideologia de uma comunidade linguística se expressa por meio desse tropo, pois ele é capaz de entender melhor os conceitos universais e atemporais do terreno humano.

Nas canções de Raul, essa figura de linguagem possui um papel fundamental, talvez pelo fato de tal gênero textual ser literário, conotativo, ou seja, pautado na plurissignificação. Essas características pertencem à função poética, que, para Alves (2014), prioriza o fator estético num texto. Ora, a metáfora “eu sou a luz das estrelas” (SEIXAS, 1974), da canção Gita, confere um tom de beleza, oferecendo uma gama de interpretações. Além disso, o eu lírico não quer dizer que



ele realmente é a luz das estrelas – é apenas uma comparação. Porém esse recurso linguístico não está restrito à poesia, uma vez que também é um instrumento da ação cotidiana e do pensamento. Lopes (2016) cita Lakoff & Johnson (2002):

“A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão de palavras mais do que de pensamento e ação. [...] Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação. (Lakoff & Johnson, 2002 *apud* LOPES, 2016, p. 495)

Outro recurso a ser estudado consiste na polissemia, que, segundo Alves (2014), consiste em uma expressão, ao longo do tempo, adquirir outros significados (ALVES, 2014). É importante lembrar que eles apresentam uma relação de semelhança entre si. Mattos (online) dá um exemplo claro de polissemia:

“A entrada lexical *cabeça* pode ser evocada tanto em uma situação de linguagem que condiga ao sentido de estrutura física humana (Ela sente fortes dores de cabeça) quanto pelo significado de comando, liderança (Ele é a cabeça da organização criminoso). Contudo o segundo exemplo não deve ser compreendido como antagônico se comparado ao primeiro significado, haja vista que *cabeça*, enquanto um membro do corpo humano, é concebida, sobretudo sócio-culturalmente, como a parte mais importante dessa estrutura, cuja função seria a de orientar das funções dos demais membros. (MATTOS, online, p. 2)

Quando o ser humano usa a linguagem, dá significados à vida, situações, eventos, sentimentos e outros seres e usa estratégias para construir relações de sentido, conseguindo, assim, exprimir o que pensa. A polissemia é um desses métodos, pois dá estilo próprio ao texto. Ela causa a ambiguidade, exigindo do leitor, portanto, perspicácia e reflexão no momento de interpretar. Isso contribui para o leitor desenvolver seu potencial de criticidade quanto à leitura de significados que atravessa a linguagem. Essa situação ocorre diante da capa do disco e da canção *Mata Virgem*, o *corpus* deste artigo.



O terceiro instrumento analisado é a ironia. Esse é o mais complexo entre os três tropos presentes neste trabalho. MATEO (online) mostra tal de dominá-la completamente:

“o primeiro problema que surge quando se estuda é o da sua definição. Hoje em dia, muitos críticos concordam que o velho conceito de ironia, de ‘dizer uma coisa e querer dizer outra’, não é mais uma descrição suficientemente abrangente e precisa para abarcar as mais variadas e complexas técnicas que o escritor utiliza para criar a ironia.” (MATEO, online, p. 197-198)

Embora concordemos com a afirmação de Mateo, vamos ficar com esse conceito, pois, neste caso, ele é o suficiente para interpretar o *corpus*. Alves (2014) cita a famosa frase de Machado de Assis: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis” e, logo após, explica-a: “o verbo ‘amar’ é a base da ironia; Marcela não amava e isso é percebido por meio das palavras seguintes, já que o amor só durou enquanto havia dinheiro” (ALVES, 2014, p. 245-246). Raul, emitindo uma mensagem com o intuito de sugerir outra, utiliza a ironia na poesia e isso é harmônico, porque essa figura de linguagem está diretamente relacionada a tal gênero textual e às obras de arte. A ironia se fundamenta no sentido conotativo, exige subjetividade e duplo sentido, atributos da linguagem poética.

Ser irônico não é fácil, porque depende não somente do emissor mas também do receptor da mensagem: este precisa perceber que há uma ideia implícita. O ironista nem sempre precisa sinalizar seu objetivo de ironizar. A forma como o texto é construído, o contexto e os pressupostos comuns aos dois participantes da comunicação sugerem que ele só pode estar sendo irônico.

## Material e Métodos

O desenvolvimento do artigo possui duas etapas. Começamos o trabalho discutindo os mecanismos da metáfora responsáveis pela comparação (de igualdade) do universo sexual feminino com o rural e o duplo sentido gerado pela polissemia do termo *mata virgem*. A segunda etapa do artigo é a análise da *ironia*



enquanto elemento de disfarce. Vamos interpretar a forma como a linguagem irônica mascara seu discurso sobre o tabu virgindade.

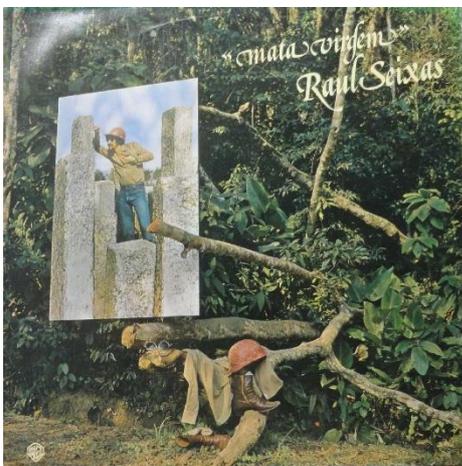
### Canção Mata Virgem

Você é um pé de planta  
Que só dá no interior  
No interior da mata  
Coração do meu amor  
Você é roubar manga  
Com os moleques no quintal  
É manga rosa, espada  
Guardiã do matagal

Qual flor de uma estação  
Botão fechado eu sou  
Se amadurecendo  
Pra se abrir pro meu amor

Úmida de orvalho  
Que o sol não enxugou  
Você é mata virgem  
Pela qual ninguém passou  
É capinzal noturno  
Escuro e denso protetor  
De um lago leve e morno  
Teu oásis, seu amor.

### Capa do disco Mata Virgem



---

REALIZAÇÃO



## Resultados e Discussão

### Metáfora e Polissemia

Não é em vão que Raulzito põe a metáfora (comparação implícita) e a polissemia juntas a serviço de seu objetivo de ser irônico. Essas duas ferramentas, apesar de distintas, possuem algo em comum: fundam-se numa relação de semelhança. Através dessa relação – a comparação entre o âmbito da natureza e o da moça casta e os dois sentidos de *mata virgem* –, ele dá sinais de que existe uma mensagem oculta (a ironia).

A expressão *mata virgem* é polissêmica, tendo dois sentidos: selva inexplorada (literal, denotativo) e mulher virgem (metafórico, conotativo), os quais comungam a ideia de algo intato, que nunca foi usado, explorado – daí a relação de similitude. A partir desse duplo sentido, Raul lança mão da alegoria (um conjunto de metáforas) comparando a natureza com a esfera feminina para expor sua ideologia: a valorização da mulher na condição de virgem. Ele aproveita essa ambiguidade para fazer a capa do disco. A polissemia, no caso, está ligada à metáfora, pois surge de uma semelhança semântica entre dois elementos – por isso um recurso complementa o outro. Ao mesmo tempo, há um elo entre a polissemia e a ironia, porque podemos ler esta como “uma percepção oscilante e, contudo, simultânea de significados plurais e diferentes” (HUTCHEON, 2000 *apud* ARAGÃO, online, p. 10).

O sentido de *mata virgem* explícito na imagem da capa é o literal, ou seja, bosque. Mas o que Seixas realmente quer expressar não está na capa. O seu intento é apontar a mulher virgem. Nesse momento, a ironia se manifesta, uma vez que o autor exprime uma ideia querendo sugerir outra, deixando o sentido da capa incompleto.

Em se tratando de metáfora, a canção está repleta desse tropo. O fragmento *Você é roubar manga/com os moleques no quintal* metaforiza o limite entre *malícia* e *pureza* existente na tirada da virgindade. Isso é traçado mediante a oposição entre *roubar manga* e *moleques*. A imagem de moleques roubando manga indica astúcia e, ao mesmo tempo, ingenuidade, pois se trata de seres pueris.

#### REALIZAÇÃO



O trecho *Qual flor de uma estação/Botão fechado eu sou/Se amadurecendo/Pra se abrir pro meu amor* é uma referência ao preparo para o início da vida sexual da mulher que está na puberdade (por isso *se amadurecendo*). O eu lírico dá voz à moça, que se compara com um *botão fechado*, correspondente à vagina com o hímen – ou cabaço, numa linguagem popular -- ainda conservado. O verbo *abrir* remete à abertura da vulva para a entrada do pênis. Raul, fingindo que está se referindo a um objeto para se referir a outro, mostra que metáforas são capazes de dissimular os fatos, como afirma Lopes (2016).

O trecho *Úmida de orvalho/Que o sol não enxugou* é a próxima metáfora na sequência do poema. Ela representa o prazer por parte da mulher de estar fazendo sexo. Sabe-se que, no momento da transa, a vagina fica lubrificada para a entrada do pênis. Se o receptor não tem esse conhecimento, ele não entende a ironia. Toda essa ideia não dita só vai ser captada se ele tiver o espírito crítico e reflexivo, porque as possibilidades interpretativas dependem dele. Mateo (online) nos explana:

“uma concepção de tradução como um processo que transporta o sentido não dá conta do complicado processo de tradução de humor uma vez que o “sentido” no humor, e principalmente na ironia, tem uma natureza muito mais complexa, que inclui a intenção do falante, o conhecimento prévio do falante e do ouvinte, elementos assumidos e pressupostos, implícitos no texto, as conotações de cada palavra etc.” (ARAGÃO, 2013, p. 2015)

Esse conjunto de metáforas (alegoria) é o meio que Raul usa a fim de fazer sua ironia. Esses dois tropos se cruzam pois possuem a mesma propriedade de dizer alguma coisa para significar outra. O autor expõe a natureza para significar a sexualidade – essa é a relação ambígua.

## Ironia

Começamos a analisar como Raul usa a ironia observando a capa do disco. Usando conceitos da Gramática Visual (2000), no plano da composição, há um ambiente natural, com árvores de folhas verdes. Uma roupa está largada no lugar: camisa bege, botas, um óculos escuros e um capacete vermelho de construção. Um quadro aparece próximo ao centro da imagem, com Raul Seixas vestido com essa mesma roupa no meio de uma construção de pilastras de concreto. Os dois



ambientes compõem a capa, provocando uma antítese entre o rural e o urbano. Tal oposição revela a exploração da natureza. O capacete, usado para evitar acidentes em obras, sugere que Raul está construindo a cidade e desmatando a mata. Esse é o sentido literal de desmatamento, isto é, a mata virgem se refere à natureza. Mas, na verdade, o autor expõe esse sentido para sugerir o conotativo: a *mata* que ele está desmatando é a *moça casta*. Essa é a ironia, a qual depende do significado literal para ser compreendida.

É importante lembrar que o disco foi lançado na Ditadura Militar (último ano do AI-5), época quando não se podia falar de temas tabus, como a virgindade. A maneira, então, era usar uma linguagem disfarçada, que não revelasse diretamente o tema, mas sim apenas o sugerisse. Pelo contexto, depreendemos que a mensagem da capa e da canção é mascarada: o momento era de grande repressão política e conservadorismo. Segundo Mateo,

“da mesma maneira como não há palavras ou expressões que sejam humorísticas por si só, mas pelo seu uso semântico ou sintático em um contexto e que (...) terão de ser definidas ‘extrinsecamente’ por suas relações contextuais e relações semânticas, assim também a ironia depende de um contexto, uma vez que surge das relações de uma palavra, expressão ou ação com o texto ou uma situação inteira”. (MATEO, p. 198)

A primeira pista dada pelo *Maluco Beleza* são as pilastras de concreto contidas no quadro. Kress e von Leeuwen (2000), citados por Barbosa (2008) afirmam que, na representação conceitual, existe um processo simbólico. Baseando-se nessa ideia, podemos dizer que as pilastras construídas por Seixas são elementos fálicos, ou seja, possuem o formato do órgão genital masculino, simbolizando a virilidade. É o que o cantor tem para oferecer à mulher. Mas isso é feito de modo indireto, ou seja, o cantor está fazendo uma ironia.

O segundo sinal dado por Raulzito é as roupas largadas no meio do bosque. Não é inutilmente que elas estão lá, porque, se não estivessem, não teríamos como constatar a nudez do personagem. No quadro, o artista está avistando algo que não aparece para o público. O ser avistado por Seixas é a moça sexualmente pura. Ele sai da cidade e vai ao ambiente natural para tirar a virgindade da moça.



A terceira dica são as aspas que contêm o termo *mata virgem* na capa. Para Cunha e Cintra (2007), uma das funções desse tipo de pontuação é enfatizar ironicamente uma palavra. Somente o leitor que repara nos detalhes perceberá que as aspas estão ali dando o significado metafórico da expressão – moça virgem.

## Considerações Finais

Percebemos que a ironia, na capa e na canção, não está isolada da metáfora e da polissemia: ela depende dessas duas ferramentas para se manifestar. Se não houvesse o duplo sentido de *mata virgem* e a comparação entre a mulher pura e a natureza, o cantor roqueiro não conseguiria *falar uma coisa para dizer outra*, ou seja, ser irônico. Sendo assim, pode-se afirmar que Raul mescla os recursos linguísticos *metáfora* e *polissemia* para realizar seu instrumento principal: a ironia.

Mais uma conclusão que se pode tirar é que Raul consegue articular o diálogo da linguagem verbal com a não verbal. Ora, a partir da ambiguidade, ele atribui à canção e à capa a mesma ideia: enaltecimento da virgindade feminina. A imagem e a palavra, nesse caso, entrelaçam-se. Uma semiótica complementa a outra. A canção, por meio de analogias entre a natureza e o âmbito sexual feminino, ajuda o público a perceber que há ironia contida na imagem da mata presente no disco. Do mesmo modo, a imagem da roupa na capa colabora com a ampliação da semântica do termo *mata virgem*: não apenas o rural, mas também o sexual.

Por fim, é constatado o tratamento inocente que Seixas dá à virgindade. Esse tema não é retratado pelo autor com palavras de baixo calão, machismo nem indecência. Devido a Raul comparar, na canção, a mulher virgem com os elementos naturais, o tom é suave, o que não dá motivos de censura por parte do governo ditatorial. O artista se utiliza da metáfora para ser irônico conseguindo, assim, lançar seu disco sem nenhum problema.

## Agradecimentos

### REALIZAÇÃO



Agradeço ao professor André Lucio Bento e à professora Maria Eugênia Curado, que, com muita paciência, ajudaram-me a escrever este artigo.

## Referências

ALMEIDA, Danielle B. L. de. *Perspectivas em Análise Visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

*Gita*. PHILIPS, 1974.

ALVES, Adriano. *Língua Portuguesa: compreensão e interpretação de textos*. Forense : São Paulo: MÉTODO, 2014.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa – versão 7.0 século XXI*. Curitiba: Ed. Positivo, 2010. CD-ROM.

*Mata Virgem*. WEA, 1978.

CUNHA, Celso; LINDLEY, Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

SOUZA, Lucas Marcelo Tomaz de. *EU devia estar contente: a trajetória de Raul Santos Seixas*. Marília (SP): Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP, 2011

FLORES, Eiliko L. P. *Alegoria e ironia: confrontos e convergências*. Brasília: Revista Água Viva, 2010.

ARAGÃO, Hudson Oliveira Fontes. *Ironia e literatura: interseções*. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

LOPES, Bruno Silva. *A expressividade metafórica nas canções de Bezerra da Silva: ecos do morro*. 2016.

MATTOS, Lavínia Neves dos Santos. *Práticas discursivas no campo dos sentidos polissêmicos: um olhar sobre o humor e a ironia nas charges políticas*. UFBA, Online

MATEO, Marta. *A tradução da ironia*. Online.